

CASAIS LÉSBICOS DO SÉCULO XXI: UM ESTUDO SOBRE A DESCONSTRUÇÃO DO MODELO HETERONORMATIVO DE FAMÍLIA

Luna Carulina Mendes Filgueiras (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Dra. Daniele de Andrade Ferrazza (Orientadora/ DPI/UEM), e-mail: daferrazza@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Área de avaliação: Psicologia, Psicologia Social

Palavras-chave: Família. Feminismo. Lésbicas.

Resumo:

A noção de família passou por várias transformações no decorrer dos séculos. Atualmente, vivencia-se a desconstrução do modelo hegemônico de família, mais conhecida como família tradicional, e a emergência de um dinamismo cultural que permite a coexistência de núcleos familiares diversos. Porém, o ideário heteronormativo que impõe as normas da heterossexualidade compulsória, ainda predomina na sociedade ocidental brasileira. Diante das inúmeras possibilidades de constituição familiar, o presente trabalho teve como objetivo estudar famílias compostas por casais lésbicos, com especial atenção aos discursos e práticas sobre o padrão heteronormativo ainda fortemente presente no âmbito da sociedade ocidental burguesa. Os dados obtidos foram analisados a partir da ótica feminista utilizando-se da análise do discurso foucaultiano. Percebeu-se que os casais de mulheres vivenciam experiências bem diferentes daquelas imputadas pelo modelo heterossexual quanto ao tema Família, rompendo paulatinamente as barreiras impostas pelo padrão normativo. O imaginário sobre família, casamento, carreira profissional, filhos, bem como, as experiências de preconceito e resistência, refletem a pluralidade de discursos presentes na contemporaneidade. Nesse sentido, consideramos que as narrativas mostram-se singulares e que é na subjetividade de cada uma das mulheres, transpassadas por discursos que contemplam diversos módulos de preconceito, e por discursos feministas de empoderamento e resistência, que constroem-se modos mais plurais de vida e relacionamento.

Introdução

A constituição familiar composta por laços matrimoniais de um homem e de uma mulher em uma relação monogâmica que origine filhos consanguíneos é hoje entendida como uma construção social, mais conhecida como a família tradicional burguesa. A Modernidade, período histórico iniciado em

meados do século XVII, com apogeu nos séculos XVIII e XIX, trouxe consigo uma necessidade de adequação à regras e normas sociais, dentre elas, a construção de laços afetivos pautados no padrão heterossexual, ou seja, para que cidadãos pudessem pertencer a sociedade, era necessária a formação de casais compostos por homens e mulheres com filhos. Ainda hoje podemos ver exemplos dessa perspectiva tradicionalista de família no cenário político, como é o caso do projeto de lei denominado de Estatuto da Família (PL 6583/13), que visa a afirmação do termo família apenas a casais compostos por homens e mulheres com filhos. Outros tipos de relações amorosas, de acordo com a então citada lógica moderna e com o Projeto de Lei, são tidos como errados e desviantes do padrão.

Outro ponto tocante a construção erigida nos três últimos séculos dentro da sociedade ocidental, refere-se ao privilégio hierárquico do sexo masculino em relação ao sexo feminino. A partir do que Foucault (1977) denomina de “vontade de verdade”, que estabelece redes relacionais com verdades impostas, criou-se uma relação de poder capaz de silenciar mulheres dentro ou fora do padrão social exigido. O próprio enquadramento social feminino, citado por Beauvoir (2009), foi construído na base da submissão e dominação. Às mulheres o destino foi a demarcação como históricas, com funções domiciliares e de criação e cuidado dos filhos. Elas deveriam, portanto, obedecer e respeitar a vontade dos homens ao seu redor, sem o menor poder de fala perante todos.

Foi apenas com o fortalecimento e expansão dos movimentos feministas e gay/lésbico de meados do século XX, em resposta as transformações sociais do período, que tal perspectiva moderna que exaltava a figura masculina e que induzia a construção do modelo familiar monogâmico, heterossexual e com filhos, conhecido como “modelo heteronormativo”, que novas perspectivas de vida familiar e convívio afetivo começam a ser colocadas em pauta. O pensamento feminista, no decorrer de sua história, transformou conceitos sociais já cristalizados, como a sexualidade feminina e as relações de poder (MATOS, 2010). Dessa forma, padrões sociais começam a ser criticados e novos modelos familiares surgem como autênticos perante a sociedade e a lei.

Porém, apesar de importantes avanços legais e sociais conquistadas pelas mulheres e de independência em relação ao homem, assim como o sufrágio feminino, o movimento feminista ainda luta arduamente para estabelecer uma nova identidade do feminino, criada a partir das própria mulheres. Ainda criticado na atualidade, o feminismo lésbico enfrenta grande resistência para ser aceito enquanto autêntico e luta para quebrar os estigmas criados contra as mulheres lésbicas denominadas de “machas, feias e mal-amadas”. (RAGO, 2001, p. 58).

Nessa perspectiva, o presente trabalho teve como objetivo estudar famílias compostas por casais lésbicos, com especial atenção aos discursos e práticas sobre o padrão heteronormativo ainda fortemente presente no âmbito da sociedade ocidental burguesa. Em consonância com o discurso feminista, a pesquisa teve como propósito construir formas de vivência mais empáticas dentro da sociedade, a partir do esclarecimento do cotidiano

familiar lésbico e da construção de discursos que promovam a equidade de gênero e aceitação social de famílias homoafetivas, em particular, de famílias lésbicas na sociedade brasileira.

Materiais e métodos

Para alcançar os objetivos do estudo, a pesquisadora utilizou-se de entrevistas semiestruturadas que tem como foco a vivência cotidiana de casais lésbicos. Foram então realizadas entrevistas com três casais lésbicos escolhidos por se assumirem como tendo um relacionamento estável. As entrevistas foram gravadas, transcritas e, posteriormente, analisadas pela ótica feminista utilizando-se da análise do discurso proposta por Michel Foucault.

Resultados e Discussão

Os casais de mulheres entrevistados vivenciam experiências bem diferentes daquelas imputadas pelo modelo heterossexual e rompem paulatinamente as barreiras impostas pelo padrão normativo. Surgiram nas narrativas assuntos como família, casamento, filhos, relacionamento aberto, preconceito, feminismo, entre outros assuntos que, relacionados à literatura, puderam compor a análise da pesquisa.

Para as entrevistadas, “família” parece se mostrar como um conceito aberto, que se molda conforme a subjetividade daquele que fala. É possível encontrar discursos que autenticam a naturalização dos laços consanguíneos como formadores de família, o que contribui à lógica heteronormativa, e discursos que quebram com o antigo conceito e parecem estabelecer formas mais fluidas de construção familiar, com o privilégio dos laços afetivos na composição base para o vínculo familiar.

O tema “casamento” aparece de forma contundente na pesquisa. Mesmo que não se encaixem no padrão heterossexual/heteronormativo por serem casais lésbicos, as mulheres parecem constantemente ser impelidas à instituição casamento. Algumas entrevistadas argumentam que o casamento significava a concretização dos laços afetivos, a autenticação social ou a garantia de direitos. Outras mulheres consideram que é uma forma de construção de família e outras acreditam que é a única forma de serem identificadas enquanto casal que segue as normas e o contrato de uma relação monogâmica.

O “preconceito”, tema também bastante frequente nas entrevistas, surge nas narrativas a partir de histórias de discussões familiares, incompreensões por parte dos amigos e família, desentendimentos no próprio casal, assédio na rua, dentre várias outras modalidades de lesbofobia. É possível notar muito sofrimento nos relatos pessoais quanto a esta temática. Porém, por outro lado, é notado o engajamento das mulheres no combate às violências e opressões sofridas diariamente.

Inseridas em um momento histórico de grandes reformulações teóricas, podemos notar a convergência das teorias críticas feministas na maioria dos

discursos, dos comportamentos e das expressões daquelas seis mulheres entrevistadas. Alguns conceitos relativos ao papel da mulher na sociedade, como a necessidade de gerar prole, aparentam não ter tanta relevância para elas. Outros pontos referentes ao modo de relacionar-se também se destacam do modelo heterossexual imposto, como pôde ser identificado na vivência de relacionamentos abertos entre elas.

Conclusões

Com base nas análises das entrevistas realizadas, pode-se observar a constituição de novas configurações familiares que se estabelecem no século XXI. Ainda que estejam presentes nas narrativas das mulheres alguns preceitos vindos do antigo conceito de família heteronormativa, é possível perceber que aquelas mulheres tentam quebrar várias barreiras tradicionais. Propõe configurações de relacionamento que saem do modelo monogâmico, mostram-se na sociedade como lésbicas e desvinculam o discurso hegemônico de formação familiar baseada no fator sanguíneo de suas vidas a partir da prerrogativa do vínculo afetivo. Além disso, deixam paulatinamente os velhos dogmas da família tradicional de lado ao proporem seu próprio modo de construir elos familiares. Assim, conclui-se que há possibilidades de novas formas de subjetivação do feminino, conforme os discursos daqueles casais lésbicos que vivenciam formas diversas de preconceito mas também constituem diariamente estratégias de resistência e enfrentamento por meio do empoderamento de seus discursos e práticas; mulheres que lutam pela construção de modos mais plurais de vida e relacionamento.

Agradecimentos

Agradeço a bolsa fornecida pelo programa PIBIC/CNPq-FA-UEM.

Referências

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Trad. S. Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2. Ed., 2009.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. M.T. C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

MATOS, M. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global?. **Revista de sociologia e política**. v. 18, nº 36: p. 67-92, jun. 2010.

RAGO, M. "Feminizar é preciso: por uma cultura filógena". **São Paulo em Perspectiva**: Revista da Fundação Seade, São Paulo, v. 15 n. 3, p. 58-66, jul.-set. 2001.